

Imagens e sons da terra, produção de sentidos culturais

Marcelo Vaz Pupo¹

Antônio Carlos Rodrigues de Amorim²

RESUMO

De acordo com o enfoque dos Estudos Culturais, podemos compreender a cultura como jogos de significados partilhados entre os membros de uma sociedade. A pesquisa em questão se interessa pelas imagens das agriculturas populares nestes movimentos que se sucedem, dos diferenciais que elas apresentam no atual contexto de massificação de imagens – palavras, gestos, entonações, timbres, tonalidades das trajetórias de vida de pessoas com distintas origens culturais, mas que têm pela terra e pelo ato de interpretá-la uma característica única. Na tentativa de ir ao encontro dessa “essência” e colocá-la sob rasura, surge uma terceira camada da produção audiovisual – nem áudio nem vídeo, uma terceira margem que pulsa em nós todos.

Palavras-chave: cultura, imagem, campesinato, educação.

LANDLESS SOUNDS AND IMAGES, CULTURAL MEANINGS PRODUCTION

ABSTRACT

According to Cultural Studies we could comprehend culture as shared meanings in a specific community or society. This article is interested in popular agriculture's images in its broad movements, investing in its differential presented in our actual Brazilian context - words, gestures, intonations, timbres, tonalities of life course from people with distinct cultural origin but the same desire in interpret the land. Trying to find this core characteristic and face it, arises a third layer, nor audio or video, a third border where we all are.

Keywords: culture, image, peasantry, education.

INTRODUÇÃO

Massacre de Eldorado dos Carajás, terror em Corumbiara. Violência no campo: capitánias intactas, mortes hereditárias. Que espécie de herança nos

¹ Formado em licenciatura em Ciências Biológicas com atuação em pesquisa e extensão nos assentamentos rurais da região de Campinas-SP. Atualmente é aluno do Mestrado em Divulgação Científica e Cultural – Labjor/IEL-Unicamp. E-mail: celo@riseup.net

² Professor Livre Docente do Departamento de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte – FE-Unicamp. E-mail: acamorim@unicamp.br

deixa a morte dita severina? Nos últimos 20 anos testemunhamos, ao mesmo tempo, a ascensão dos movimentos do campo e o aniquilamento de muitos de seus integrantes. Os conflitos agrários, as mortes no campo, o imenso - sempre o mesmo, latifúndio - especulação, concentração, modernização, ah sim, o progresso. Analisar a questão agrária no Brasil inevitavelmente nos mostra que ela não se circunscreve à escritura dos hectares em disputa. Outros símbolos entram em cena, e percebemos então que o território disputado é tão material quanto imaterial: fatos distintos cada qual na produção de seu fruto, produto agrícola, mas também o é os signos e códigos, por vezes próprios, linguagens ímpares que o idioma corrente, acadêmico ou popular, mostra imiscíveis capital e soberania, commodities e segurança alimentar, monocultura e resiliência, latifúndio e dignidade humana. A ocupação de terra prolifera dizeres e atravessamentos que reverberam em editoriais jornalísticos, em transmissões de TV, em discursos inflamados, em vidas que se assentam... por fim, reconfiguram o universo possível.

Algumas perguntas desaterram-se: uma delas, "O que a voz da herdada morte quer nos dizer?", talvez essa seja a pergunta mais motivadora, a que mais nos mobiliza e nos faz deparar com as divergências, desavenças, hostilidades, indiferenças entre aqueles que ao redor da cova (a de palmo medida) se anelam, há séculos. Esta outra, "Quem (ou o que) transmite o som desta voz, seu entendimento, reivindicação, mensagem, sua visão de mundo?", nos direciona a atentarmos para os mediadores, transmissores, receptores e atravessadores das mensagens que podem traduzir os códigos em jogo - processos históricos, argumentação, ficcionalidades, perspectivas, possibilidades, recriação.

Lidar com este tema teria mais similaridade com o simples exumar de velhos momentos caso a repercussão destes não implicasse em sua própria perpetuação. A atualidade dos fatos recobra-nos, mais do que uma exumação, vivificar (através da procura pelas respostas das perguntas acima) os significados postos na mesa.

De acordo com o enfoque dos Estudos Culturais podemos compreender a cultura como jogos de significados partilhados entre os membros de uma sociedade e que se enredam em representações que circulam por entre outros espaços de produção de sentidos. Politicamente, tal campo de estudos enfatiza a importância da cultura na estrutura e na organização das sociedades, com especial ênfase ao papel das relações de poder nesse contexto (HALL, 1997). A pesquisa de mestrado "Bem-te-vis imagéticos: olhares da movimentação

cidade-campo" discute produção de sentidos a partir do tema da agricultura camponesa, compreendendo que as culturas dos povos do campo vem dialogando com a conjuntura atual e criando estratégias de re-existência e permanência no cenário agrícola.

Joseph Rouse (2001) nos mostra que, para os Estudos Culturais das Ciências, a ênfase é dada no entendimento de que as práticas científicas são historicamente situadas, em padrões significativos de interação com o mundo. O que podemos esperar deste íntimo entrelaçamento entre mundo e ciência? Coevolução no processo de síntese e gestão do conhecimento? confluências, interferências, ou a encarcerada indissociabilidade? Ao contrário de áreas como a Educação, a Ciência e Tecnologia, no âmbito do público, não conta com uma política nacional tecida democraticamente e que poderia orientar as ações governamentais - quadro que, no mínimo, abre espaço para a formulação de políticas de "gabinete" (afinal de contas, o que significa projetos de ensino e pesquisa sendo induzidos por critérios quantitativos dos centros de fomento?).

Tão longe e tão perto: se as práticas científicas situam-se num contexto histórico, mundanalmente influenciadas por quem as faz, este "mundo" e sua multiplicidade a desconhece tanto quanto a prática científica esquiva-se dele: Mero ranço político fruto da abissal divisão de classes? Simples ruptura política da produção acadêmica que adota o discurso único em detrimento do que nos tem a oferecer as minorias? Cultura científica entorpecida pela aniquilação do sentido dos sentidos? inércia? depressão? influxo popular?

Como estabelecer uma estratégia investigativa arrodado de armadilhas como essas, sem ulcerar diante de uma ciência alérgica às formas, às aparências, a todas essas coisas sensíveis que ela tende a desprezar, pelo motivo de que elas não podem reduzir-se a uma intelectualidade pura?. Uma ciência sem um caráter rizomático, em termos deleuzianos, parece incapaz de respeitar o caráter público das universidades públicas, fazendo destas cúmplices ferozes do império mercadológico mundial que lamina e nega o que somos, que desconstitui nossa maneira de pensar e existir em nossos territórios; que desalinha-nos a sabedoria de viver integralmente e integrados aos sistemas sociais e naturais que remontam às nossas origens, desagregando-nos: árvore sem frutos, soja sem grão, planeta sem atmosfera, ar sem pulmão.

Creemos que ignorar o que está em jogo no contínuo desenvolvimento das práticas científicas é uma posição política que joga no risco de fortalecer a brutalidade nas relações entre conhecimento, poder e cultura - ainda negamos que a subjetividade e os ideais dos pesquisadores aparecem em seus produtos?

Pautado pelos Estudos Culturais, podemos compreender a cultura como os significados partilhados entre os membros de uma sociedade ou grupo, e que ela tem importância direta em sua estrutura e organização (HALL, 1997).

Sentidos, poderes, conhecimentos; exercícios políticos, fomento, produção científica... reagentes e catalizadores do imenso metabolismo social que corporifica instituições, estabelece regras (formais ou não) para os fluxos circulatórios de gentes e coisas, nutridos pelos interstícios econômicos, artísticos, políticos e poéticos, que agregam-se em territórios existenciais com mais ou menos organicidade, mais ou menos harmônicos, em estados provisórios, latentes, sempre em (des)equilíbrio dinâmico. É neste "arremedo de estamparias" que elegemos algumas categorias conceituais, algumas forças-que-formam pensamento para discorrer sobre a movimentação cidade-campo. Se o preço desse arremedo é facear frontalmente o imaginário imposto da modernidade, aceitemos o desafio tal qual Bruno Latour (1994, p. 9) se lançou:

Qualquer que seja a etiqueta, a questão é sempre a de reatar o nó górdio atravessando, tantas vezes quantas forem necessárias, o corte que separa os conhecimentos exatos e o exercício do poder, digamos a natureza e a cultura. Nós mesmos somos híbridos, instalados precariamente no interior das instituições científicas, meio engenheiros, meio filósofos, um terço instruídos sem que o desejássemos; optamos por descrever as tramas onde quer que estas nos levem (LATOUR, 1994).

Optando por este caminho analítico assumimos que o tema da questão agrária pode ser ricamente estudado quando a análise crítica se pauta em suas dimensões culturais, em seus "processos" ou "redes" que tecem essa questão, no exercício acadêmico de gerar conversações entre retóricas, políticas e epistemes; Que as atividades sociais relacionadas com o ato de ocupar e socializar a terra para produzir alimentos (e com o ato de impedir este ato), ao requererem seu próprio universo distinto de significados e práticas nos fornecem pistas valiosas tanto para compreender os agenciamentos expostos e os produtos culturais a isso relacionado quanto para subsidiar a produção de outros sentidos, em articulações que tenham interesse à Divulgação de Ciência e Cultura e à Educação. Se o deslocamento tem sido regra percebemos também um *continuum* no existir gestado pelo imaginário camponês, misterioso e fora do alcance da razão pura - palavras, gestos, entonações, timbres, tonalidades das trajetórias de vida de pessoas com distintas origens culturais, mas que têm pela terra e pelo ato de interpretá-la uma característica única. Na tentativa de ir ao encontro dessa "essência" e colocá-la sob rasura, surge uma terceira camada da produção audiovisual - nem áudio nem vídeo, uma terceira margem

que pulsa em nós todos. A experimentação dessa terceira margem em imagens e sons é, no campo da linguagem, o que esta pesquisa traz como contribuições para a discussão de conceitos – tais como identidades, diferenças e política – que são relevantes ao campo dos estudos culturais.

TECNO-DEUS E A CARTOGRAFIA DO REAL

Na tradição dos Estudos Culturais há o interesse por elementos de história, cultura e poder relacionados, assim como os valores e sentidos vividos, os modos pelos quais os grupos sociais definem as condições em que vivem e as experiências que partilham, ou seja, trata-se das representações que fazem dos acontecimentos. A pesquisa em questão se interessa pelas imagens que as agriculturas populares proliferam, seus (en)signos talhados - à exemplo da terra ocupada - na cartografia do real: movimentos que se sucedem, diferenciais concretos e abstratos num contexto de massificação de imagens insípidas.

O estudo das representações culturais parece essencial aos Estudos Culturais pois são elas que produzem e intercambiam significados entre as pessoas (HALL, 1997). A forma como a questão agrária é exposta - nas ocupações, nas marchas, nas místicas, assim como na repressão, no assassinio, no silêncio - criam significados que servem de alimento para a formação de nossa identidade. O que aqui está sugerido é que a identidade emerge, em parte, dos conceitos e definições que são representados para nós pelos discursos de uma cultura, e pelo nosso desejo (consciente ou não) de responder aos apelos feitos por estes significados (HALL, 1997).

Que "domínio simbólico" - significações, visões de mundo - nos acometem ao olharmos para os camponeses e suas movimentações? O que o "retorno à terra" em nós invoca? A decomposição do áspero asfalto que nos recobre; o sepultamento de uma urbanidade; a ressurreição de um velho ente... é a ausência do concreto que provoca? As "posições-de-sujeito" (HALL, 1997), que são produzidas nesta trama cultural e seus discursos parecem portadoras de significativo potencial provocador, a ver pela reação de algumas estruturas sociais e pelo abalo no sistema de crenças e valores produzidos pelas forças de controle social. Se a ideologia, nos Estudos Culturais, pode ser entendida enquanto "provedora de estruturas de entendimento através das quais as pessoas interpretam e dão sentido para as condições materiais nas quais elas próprios se encontram" (HALL, 1980), é então no embate discursivo que podemos localizar a formulação ideológica que faz emergir ou que rechaça nossa identificação com os atores sociais do campo.

Diversificando o debate, o antropólogo Eric Wolf (WOLF, 1998) nos oferece ferramentas conceituais para correlacionar cultura, jogos de ideias e sentidos presentes num grupo social com ideologia e poder - para ele, as noções que legitimam os corpos ideológicos são retiradas dos sentidos partilhados, dos símbolos e significações que são produzidas pela linguagem, pelo discurso - do caldo cultural de uma sociedade. É pela linguagem que as ideologias ganham força e influência; ela não é mera relatora do "real", ela cria-o. O antagonismo agronegócio/agricultura camponesa não decepciona a afirmação pois por ele atravessa, cotidianamente, a insistente ideia de que a vida rural é "atrasada" e desaparecerá como resultado da primazia tecnocrata, disseminando axiomas que opõe a cultura do campo ao "avançado", ao "futuro" e ao "civilizado", qualificando-a tal qual um retrocesso à implementação (tardia) da modernidade no campo.

Influente produções discursivas, portanto, vem estabelecendo um imaginário tanto do que vem a ser a proposta dos movimentos sociais quanto do que seria a (recauchutada) modernidade no campo a partir das recentes tecnologias agrícolas - um acirramento das diretrizes da chamada "Revolução Verde", ocorrida em meados do século XX: intensa mecanização, eficiência laboral, agrotóxicos, e mais recentemente a biotecnologia (PETERSEN, 2009). São através destes delineamentos que particulares interesses amplificam e dão visibilidade à ideia que vincula progresso (hoje no discurso da sustentabilidade) à agricultura industrial, forjando posicionamentos, subjetividades e identidades que apoiem um específico "corpus simbólico" embebido num projeto político/ideológico centralizador, despótico.

Wolf (1970) argumenta que quando inovações tecnológicas são incorporadas pela sociedade cria-se uma "solicitação cultural", elas passam a significar mais do que simples meio de obtenção de algo - transformam-se num comprometimento diante do qual devemos nos desdobrar para obter. Mas aqui emerge o esboço de um dilema, que só é desfeito pelo diálogo entre cultura e poder. Não é factível que os movimentos do campo possam receber o rótulo de "anti-tecnológicos", mas parece certo que enfrentem algumas "solicitações culturais" da modernidade, a saber aquelas que se fazem instrumento de domínio e opressão do capital. Tratar as tecnologias (e a produção de conhecimento que as concebe) como se fossem desprovidas de intencionalidades, politicamente neutras, é uma posição ingênua ou um ato de má fé. As solicitações culturais que hoje nos rodeiam portam consigo fortes indícios de um projeto de sociedade e fazem parte de uma série de processos que respondem a discursos socialmente identificáveis.

A promessa fetichizada da tecnologia reúne força capaz de produzir uma negação cultural do que somos. Futuros inevitáveis, próximo passo evolutivo do homem... expressões que enfeitiçam tanto quanto assombam. O discurso high-tecnológico parece ser eficiente o bastante para reunir marcas, símbolos e emblemas do plano geral da cultura que lhe são mais adequados, e nos convencer que o futuro caminha para onde ele aponta. Mais do que isso. A tecno-ciência vem sendo "deusificada" na disputa pelo sentido da vida e pelo real – coroa-se como a moderna substituta da religião, adequada a realidades conturbadas e desencantadas.

O fundamentalismo tecno-científico além de não aquecer a alma carregada de calafrios, afirma pretensiosamente ser desprovido de qualquer moralidade, fingindo esquecer que ausentar-se de posicionamentos políticos (éticos e morais) pode ser o mesmo que aceitar em convivência tenebrosos abusos. A questão é que de fato a ciência cria novas formas simbólicas e oferece "mapas da realidade" e "matrizes para a criação de uma consciência coletiva". Não se trata aqui de requestrar moralismos religiosos igualmente perniciosos à construção de um senso de humanidade mais digno, mas de reconhecer que estes mapas e esta consciência coletiva modelados pela razão instrumental da "ciência neutra" têm sérias limitações, a ver pelos becos sem saída a que tem nos levado.

TRANSIDENTIFICAÇÃO CAMPONESA

Em tempos de produtividade acadêmica exacerbada pouco tempo se reserva à maturação dos processos subjetivos e sua integração num corpus investigativo. Valorizamos assim percursos de ensino e pesquisa que dedicam-se a esta maturidade, que proporcionam à estudantes e pesquisadores oportunidades singulares na investigação científica. A vivência junto às pessoas dos movimentos sociais do campo nos faz deparar com um outro imaginário, um outro corpo de ideias e de significados. Uma distinta força emana a terra que persiste camponesa. O olhar que se lança sobre as agriculturas populares acaba por enxergar o que? reciprocidade? colaboração? arcaísmo? transgressão? Acaba por se deparar com a herança histórica que reflete a nós próprios, como um espelho onde olhar o outro é me enxergar? Que potências existem no ato de recriar a unidade básica da vida social não por indivíduos, mas por um duplo que se nomeia como "nós-eu"? Esta visão parece-nos indicar amplos horizontes, preenchidos da atmosfera que revigora o fôlego da existência humana num desmergulho da realidade aparentemente imutável, chapada e lacrada.

Os textos analíticos da vida camponesa nos sugere: desde a práxis intelectual e política de autores russos do século XIX até as sistematizações de experiências contemporâneas, vimos preenchidos de multiplicidades no existir – a expressão camponesa investigada transmite-nos modos de vida onde o saber acumulado tem sido um aliado na reprodução de sua cultura e na manutenção das condições que garantem sua sobrevivência, não fazendo do conhecimento associado a estes saberes instrumento de opressão e discriminação entre os diferentes grupos sociais; ao ler os trabalhos publicados constataremos que a antiga previsão do inevitável desaparecimento dos camponeses, frente ao avanço da agricultura industrial e do capitalismo no campo, vem sendo continuamente contrariada. Diante de um mundo crescentemente urbanizado, novas ruralidades apontam caminhos fecundos para a redistribuição demográfica e a descentralização econômica. Outras racionalidades e pensares não-capitalistas ocorrem em várias regiões, protagonizados por famílias agricultoras e suas organizações (PETERSEN, 2009). Efervescem, em todo campo, agriculturas populares.

Também a observação empírica nos preenche o imaginário - atividades de campo em assentamentos rurais igualmente nos descolonizam:

Aquela plantação de frutas em nada se assemelha ao ordenamento padronizado dos laranjais da Cutrale, que são vistos até mesmo da rodovia. Não. Nem mesmo as goiabeiras enfileiradas de outros lotes do assentamento se comparavam àquele pomar. A começar pelo nome de batismo: Pomar... Pomar não nos remete a apenas uma fruta, pensa-se logo em várias. E caminhar por ele não permitiria, tão cedo, que se nos achegasse a monotonia: eram muitas as surpresas num breve passeio. Tantas frutas, pés disso e daquilo, folhas finas, folhas vistosas, plantas estranhas ao olhar urbano. Jenipapo, caju, urucum, banana, acerola e mexerica compunham não só o quadro vivo da diversidade, mas a oferta de alimento para a família, o pai, a mãe, as filhas e genros, vizinhos e amigos, como também para os porcos, galinhas, cachorros, cavalo e para o bezerro que víamos correndo no pasto. O pomar remonta o uso amistoso da terra, nos referenciando a um quintal antigo que floresce em diversidade, cores, sabores e memórias. (VAZ PUPO, 2007).

A importância do contato direto com certa realidade oferece a chance de explorar e aprofundar diversos mecanismos de percepção que não são e nem podem ser proporcionados de outra maneira. A vivência comunitária, como nos assentamentos rurais, e o real contato com as pessoas do lugar viabilizam uma “existência” outra, neste caso uma existência campesina, mesmo que

temporária, preenchida de transcendência, discernimento, diálogo, comunicação e participação. É esta qualidade perceptiva que Kropotkin parece ter vivenciado em suas passagens pela Rússia e Finlândia no final do século XIX. Abandonando a realeza russa onde nascera, foi a partir do contato com comunidades camponesas que sua obra ganhou corpo conceitual, fundamentando o pensamento anarquista como também influenciando as próprias concepções de Marx a respeito do campesinato. Em palavras de Sevilla Guzmán e González de Molina (2005, p. 33) lemos:

São de ressaltar as contribuições de Kropotkin ao debate sobre a propriedade comunal, sobretudo aquelas que se centram na dimensão ética das formas e instituições comunais, criadas a partir da sociabilidade humana como mecanismo de sobrevivência e luta em condições desfavoráveis de existência (SEVILLA GUZMÁN e GONZÁLEZ DE MOLINA, 2005).

Que potência emerge dessa dimensão ética que insiste, há gerações, numa perspectiva solidária e cooperativa – mas que intrigantemente marginalizada do "real" e da "verdade"? Se não está estabelecida no real, onde estaria? uma entidade falsária que desgrilha nosso território *sub judicis* e desfaz a forma identitária estritamente urbana, invocando outras paisagens subjetivadoras? Melhor seria perguntarmos-nos que potência esse falso discurso tem em abalar a identidade auto-centrada do eu-eu (que iconiza o sistema dominante?) fazendo-nos cogitar que outro eu seríamos nós? O que emergiria se abandonando o antagonismo ao outro, o eu transmutado em desenclausura abrisse espaço, à imagem permissiva dum eu-lírico, às vozes que expressam o imaginário camponês, de maneira que o mundo deste, antes exterior, se convertesse em vivência interior? Sevilla Guzmán e González de Molina (2005, p. 34) seguem nos contando do autor russo:

A comuna rural no pensamento de Kropotkin, além de uma associação que facilitava a cada família membro o acesso igualitário ao cultivo da terra e regulava o cultivo em comum da mesma, representava o marco organizativo através do que se desenvolvia em suas múltiplas variantes o *apoio mútuo*, fazia-se justiça, organizava-se a defesa contra inimigos externos, articulava-se a participação democrática nos assuntos comuns e se desenrolava o progresso econômico, intelectual e moral da época. A comuna rural uniu as pessoas, deu-lhes a possibilidade de desenvolver progressivamente as instituições sociais e, assim, permitiu-lhes atravessar os períodos difíceis e sombrios da história humana. (SEVILLA GUZMÁN e GONZÁLEZ DE MOLINA, 2005, grifo nosso).

Essa dinâmica imprimida pelas comunidades rurais, analisada retro e prospectivamente, permanece gerando rupturas na ordem do que é visível, pensável e realizável no metabolismo social, oferecendo continuamente - por estar sempre excluído, ausente – reconfigurações no mapa do sensível, fruto da força contida nos enunciados políticos à ela vinculados. Foi a vivência interior experimentada por Kropotkin que embasou o conceito de "apoio mútuo", elevando-o a uma categoria científica aceita e fundamentada. Pela natureza do conhecimento associado, pela cosmovisão que nutre a integração a um específico modo socioproductivo é que a pesquisa associada a este artigo estimula-se, movimentando-se pelos sentidos que sobressaem da escuta às vozes camponesas, que irrompe identidades e fixações, deformando a concepção do estático existir. Trincas e frestas, dilacerações políticas no campo da "agronegociata de massas"... e o som permanece entoadado, dado a invocar ânimo poético que acolhe e oferece ao nobre desejo de humanidade arruinado pela vida de indústria uma chance de maturidade.

VIR A SER E DAR À VOZ – UMA (SENSÍVEL) PROPOSTA EMANCIPATÓRIA

O rumo que toma a pesquisa percebe a relação estética/política como questão transcendente. Opta pelo exercício de descortinar os temas eleitos em sua dimensão estética. Propõe a tradução dos significados acima descritos em linguagem visual e sonora, no campo do sensível, investindo na abertura de novas regiões do ser onde não se diferencia o pensar e o expressar. Valorizando a ideia de que a percepção e a sensibilidade de indivíduos e grupos constroem os espaços, permitimos vazão a reflexões pedagógicas acerca da imagem e do modo pelo qual ela remodela a comunidade e o mundo.

A "trajetória pedagógica" pela qual nos conduz a vida acadêmica nos apresenta distintas visões a respeito do que é educar – na Educação Popular, por exemplo, estabelecer relações horizontalizantes entre os envolvidos na relação ensino-aprendizagem é uma busca, uma intenção. Dialogicidade e respeito mútuo são princípios que ícones como Paulo Freire defendeu, onde os envolvidos na atividade educativa se rearranjam no binômio educador-educando. Por que as pessoas que intencionam essa prática intencionam essa prática? Elisa Gonsalves (2002), ao revisitar as práticas em educação popular, lembra-nos de que é a busca pela autonomia do indivíduo que caracteriza esta área. Porém, mesmo a práxis da educação popular pode, paradoxalmente, levar os indivíduos não à emancipação, mas à dependência, como nos mostra a pesquisadora. Portanto o que se busca aqui é problematizar a forma como pensamos a produção do conhecimento; é revisitar essa intenção de autonomia,

que se move pela certeza de que as práticas educativas podem exercer outro papel que não oprimir e ma(n)ssificar, controlar e cercear.

Que elementos na criação de produtos culturais permitiriam compartilhar estes significados? que experimentassem amalgamar, indistintamente, os atravessamentos que nos compõem, ciência, cidade, memória, arte, registro, pesquisa... provocar as fronteiras, nossos reducionismos introjetados, nossa capitania subserviente? E ainda assim que sejam politicamente localizadas, lançando mão do gume afiado da intencionalidade esclarecida?

O material proposto para experimentar estes sentidos busca redigir "videofonograficamente" um discurso que se apoia em algumas experiências pessoais, fruto de projetos de extensão, pesquisa, e atividades políticas autônomas. Ocupações de terras públicas, cotidiano de Assentamentos rurais, entrevistas com agricultores fizeram parte do "repositório" utilizado na edição deste videofonograma (2012). São imagens e sons que localizam e dispersam, repetem-se em espiral de acordo com as referências trazidas – palavras, gestos, timbres, entonações das trajetórias de vida de pessoas com distintas origens culturais, mas que têm pela terra e pelo ato de interpretá-la uma característica única, um conjunto pelo peculiar. Se existe algum anseio em delimitar o encadeamento entre imagens e sons, ele só se expressa nas polifonias dos atores ali presentes, cujas falas e dizeres são portadoras de memória e contextos afetivos pessoais, mas que compõem, em conjunto, um único arco-íris sonoro – na intenção de terra, na política de broto em flor que renasce e alimenta. Esta característica de inventar a terra e misturá-la com vida parece ser algo universal, mas só o é na sincronia com o local – uma “globalocalização”, às avessas, que universaliza na diferença, e assim escapam a todo instante do normativo e da massificação política e subjetiva, ao discurso único.

A expressão destes sentidos em imagem exercita outras possibilidades, onde os fragmentos possuem autonomia para procurar brechas desassociativas e expandir a criação imagética, aberto ao sensível na procura por dar ensejo às outras temporalidades do próprio universo camponês. O esforço de enredar essa terceira camada busca a força de alinhar, pela sensação e lembrança, um possível percurso, uma "verídica ficção" ainda não (vídeo)grafada e que se inscreve em cada pessoa, reescrita quando alguém a observa, desequilibrando a linearidade dogmática e alimentando a coerência com esse desmergulho da realidade intransigente que a práxis do "nós-eu" camponês vivencia. A pretensão aqui é alcançar essa narrativa duplo-hemisférica, semi-definida pela

montagem de quem produz, semi-definida pela sensação do expectador que é produzida – apostando na memória camponesa culturalmente inscrita em todos nós.

As conexões não-lineares parecem ter sua potência não exatamente no fato de não serem rigorosamente lineares, mas por acolherem elegantemente a autonomia: do pensamento, das inter-relações, da criatividade, do indivíduo e da coletividade – simultaneamente. O audiovisual assim possibilita à essa unidade “nós-eu” elaborar diferentes normas, compreender as conexões que se realizam no interior do próprio pensamento; em suma, ser autônomo.

Se a realidade pode ser essa co-criação pela linguagem, tal qual o próprio ato de editar este videofonograma, por exemplo, que forças criativas podem ser mobilizadas na invenção de significados que melhor nos expressem enquanto humanidade? Que descobertas ainda resta-nos velar pelas vozes que ressoam do eu-camponês? Lançarmo-nos a responder essa pergunta talvez seja uma preciosa oportunidade de unir em novo o elo socioambiental que pensamos perdido.

REFERÊNCIAS

GONSALVES, Elisa Pereira (Org.). **Desfazendo Nós: Educação e Autopoiése**. Campinas: Editora Alínea, 2002. Educação e Grupos Populares: temas (re)correntes. p. 65-78.

HALL, Stuart. Cultural studies: Two paradigms. **Media, Culture and Society**, vol. 2, n 1, SAGE, London, New- bury Park and New Delhi, p. 57-72. 1980.

HALL, Stuart. **Representation**. Cultural representations and Signifying Practices. Sage/Opens University: London/Thousand Oaks/New Dehli, 1997.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

LATOUR, Bruno. **Jamais Fomos Modernos**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994. 152p.

PETERSEN, Paulo. (Org). **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009.

ROUSE, Joseph. **Cultural Studies of Science**. International Encyclopedia of the Social and Behavioral Sciences, 2001. p. 3125-27.

SEVILLA GUZMÁN, Eduardo, GONZÁLEZ DE MOLINA, Manuel. **Sobre a Evolução do Conceito de Campesinato**. São Paulo: Expressão Popular, 2005. 96p.

VAZ PUPO, Marcelo. **Construindo Caminhos na trilha da Agroecologia e Extensão Rural**. Campinas [s.n.], 2007, 16p. (Relatório do Programa Nacional de Educação no Campo: Formação de Estudantes e Qualificação Profissional para Assistência Técnica - VIVÊNCIA AGRÁRIA)

VIDEOFONOGRAMA. Vídeo produzido por Marcelo Vaz Pupo a partir de pesquisas e atividades políticas autônomas em ocupações de terra e assentamentos rurais. Campinas, 2012. Disponível em: <<http://vimeo.com/55544080>>. Acesso em: 20 jan. 2013.

WOLF, Eric. Cultura, Ideologia, Poder e o Futuro da Antropologia. **MANA – Estudos de Antropologia Social**, v. 4, n. 1, p. 153-163. abr. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131998000100007&nrm=iso&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 20 abr. 2012.

WOLF, Eric. **Sociedades Camponesas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1970.